"Saboreai e vede
Como o senhor é bom"



XXXIII Domingo do Tempo Comum (Ano A). O amor posto em obra

José Maria Pignatelli Pereira

Primeira leitura: Provérbios 31, 10-13, 19-20, 30-31
Salmo: 127, 1-2, 3, 4-5
Segunda leitura: 1 Tessalonicenses 5, 1-6
Evangelho: Mateus 25, 14-30

Neste Domingo, Jesus conta-nos a famosa parábola dos talentos, que opõe a diligência dos servos bons à preguiça do servo mau. Lemos, no Evangelho:

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola: «Um homem, ao partir de viagem, chamou os seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um entregou cinco talentos, a outro dois e a outro um, conforme a capacidade de cada qual; e depois partiu. O que tinha recebido cinco talentos fê-los render e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois talentos ganhou outros dois. Mas o que recebera um só talento foi escavar na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. Muito tempo depois, chegou o senhor daqueles servos e foi ajustar contas com eles. O que recebera cinco talentos aproximou-se e apresentou outros cinco, dizendo: «Senhor, confiaste-me cinco talentos: aqui estão outros cinco que eu ganhei.» Respondeu-lhe o senhor: «Muito bem, servo bom e fiel. Porque foste fiel em coisas pequenas, confiar-te-ei as grandes. Vem tomar parte na alegria do teu senhor.» Aproximou-se também o que recebera dois talentos e disse: «Senhor, confiaste-me dois talentos: aqui estão outros dois que eu ganhei». Respondeu-lhe o senhor: «Muito bem, servo bom e fiel. Vem tomar parte na alegria do teu senhor.» Aproximou-se também o que recebera um só talento e disse: «Senhor, eu sabia que és um homem severo, que colhes onde não semeaste e recolhes onde nada lançaste. Por isso, tive medo e escondi o teu talento na terra. Aqui tens o que te pertence.» O senhor respondeu-lhe: «Servo mau e preguiçoso, sabias que ceifo onde não semeei e recolho onde nada lancei; devias, portanto, depositar no banco o meu dinheiro, e eu teria, ao voltar, recebido com juro o que era meu. Tirai-lhe então o talento e dai-o àquele que tem dez. Porque, a todo aquele que tem, dar-se-á mais e terá em abundância; mas, àquele que não tem, até o pouco que tem lhe será tirado. Quanto ao servo inútil, lançai-o às trevas exteriores. Aí haverá choro e ranger de dentes.»

Prosseguimos, neste Domingo, na leitura do discurso escatológico de Jesus, ou seja, o Seu discurso sobre o fim dos tempos, que começámos a ler na semana passada e que iremos terminar no próximo Domingo. A Igreja convida-nos, assim, no final deste ano litúrgico, à vigilância, para que Nosso Senhor não nos encontre impreparados quando voltar.

A parábola dos talentos começa com a partida de um senhor. Os Padres da Igreja viram neste momento uma referência à Ascensão de Jesus (1): Jesus deixa os discípulos por algum tempo, mas há-de voltar para julgar todos os homens. Antes de partir, o senhor distribui pelos servos os seus bens, os talentos, nos quais podemos ver os dons de Deus: a um deu cinco, a outro dois e, ao último, um. No século I d.C., o talento era uma unidade de peso que, em prata, equivalia ao salário de 15 a 20 anos de um trabalhador. Ou seja, mesmo ao servo que recebeu apenas um talento foi confiada uma grande quantia. Convém ainda salientar que os talentos continuavam a pertencer ao senhor: foram entregues aos servos apenas para que os administrassem, sabendo que, um dia, teriam de os devolver.

O caminho de quem confia, a inércia do medo:

O primeiro servo, que recebera cinco talentos, negociou com eles e ganhou outros cinco. O segundo, que recebera dois, ganhou outros dois. Trata-se dos servos bons, que reconhecem a bondade e generosidade do seu senhor nos dons que receberam e decidem empregar a sua vida para lhos poderem retribuir. Há, porém, um outro aspecto que caracteriza a diligência destes servos. Em algumas traduções, embora não na versão que nos é proclamada neste Domingo, o primeiro servo é descrito como tendo «saído logo», imediatamente após a partida do senhor. Tal como o senhor partira, também o servo parte: imita-o e segue o seu exemplo. Não descansa e põe-se sem tardar ao trabalho. Passado «muito tempo», quando o senhor regressa, convida estes servos fiéis a entrar na sua alegria, a vida eterna. E, no entanto, chama à fortuna que lhes tinha confiado «coisas pequenas». Se tanto é pouco, como será grande a alegria para a qual convida os seus servos! O senhor manifesta, deste modo, a sua justiça, não fazendo distinção entre o

servo que recebera cinco talentos e aquele que recebera dois, pois ambos se tinham entregado por inteiro, cada um segundo a medida do que recebera.

O terceiro servo reage de modo muito diferente. Em vez de sair e pôr o seu talento a render, decide escondê-lo. À primeira vista, esta acção não parece merecer muita reprovação. O servo quer devolver ao senhor aquilo que dele recebeu e não esbanja o que lhe foi confiado. Contudo, é nas palavras do próprio servo que conseguimos perceber a maldade da sua conduta: «Senhor, eu sabia que és um homem severo, que colhes onde não semeaste e recolhes onde nada lançaste. Por isso, tive medo e escondi o teu talento na terra. Aqui tens o que te pertence.» O «servo mau e preguiçoso» considera que o senhor é um homem duro e «severo» e, por isso, teme-o. Mas este não é o santo temor de Deus, como o dos outros servos. Estes últimos mostram pelas suas obras um temor reverencial, que reconhece a grandeza do senhor e, sobretudo, a sua bondade. Assim, confiam nele e não têm receio de arriscar os seus talentos.

O servo mau, pelo contrário, não reconhece a bondade do senhor na distribuição dos talentos. Sim, quer devolver ao senhor o dom que dele recebeu, mas, na sua perspectiva, o senhor não tem direito a mais do que aquilo que lhe deu inicialmente. Porque havia de lhe entregar o que resultasse do seu próprio trabalho e esforço? Aos olhos do servo mau, o senhor é alguém que se apropria do fruto do trabalho alheio, que colhe onde não semeou e recolhe onde nada lançou: um explorador, se não mesmo um ladrão, que vive do suor dos outros. Daí o medo que o servo mau tem: para este, o senhor é um homem injusto e cruel, que não merece confiança nem amor. Mas a acusação é falsa, como nos mostra a própria parábola. O que o senhor exige não é o fruto de uma terra alheia, mas o fruto daquilo que ele próprio deu. É desta visão distorcida do senhor que nasce a conduta que condena o servo: ao enterrar o talento, inutiliza-o, como se o tivesse deitado fora, e a sua vida torna-se estéril.

Também nós podemos ser este servo. Muitas vezes, não é a falta de capacidades que nos impede de frutificar os talentos que recebemos, mas a imagem que temos de Deus como alguém que nos cobra e vigia. Antes de perguntarmos o que fizemos com os talentos que nos foram confiados, talvez devamos perguntar como olhamos para Aquele que no-los confiou.

O vício, ou pecado, do servo mau é, como diz o senhor, a preguiça. Esta preguiça tem duas dimensões: a preguiça em sentido corrente, ou seja, a aversão ao esforço e ao trabalho; e outra, mais profunda, a acédia, ou preguiça espiritual (2). A acédia é um dos pecados capitais. São Tomás de Aquino define-a como a tristeza perante algum bem espiritual que se deve alcançar (3). Manifesta-se num sentimento de indiferença ou desgosto perante o bem a que Deus nos chama, e é desse desgosto que nasce a inércia. Este é o pecado que melhor caracteriza o servo mau: em vez de se alegrar com o dom recebido, vê nele um peso e entristece-se perante a perspectiva de o fazer render para o entregar ao seu senhor.

Mais valiosa do que as pérolas:

Na primeira leitura, retirada do último capítulo do Livro dos Provérbios, lemos:

Quem poderá encontrar uma mulher virtuosa? O seu valor é maior que o das pérolas. Nela confia o coração do marido, e jamais lhe falta coisa alguma. Ela dá-lhe bem-estar e não desventura, em todos os dias da sua vida. Procura obter lã e linho e põe mãos ao trabalho alegremente. Toma a roca em suas mãos, seus dedos manejam o fuso. Abre as mãos ao pobre e estende os braços ao indigente. A graça é enganadora e vã a beleza; a mulher que teme o Senhor é que será louvada. Dai-lhe o fruto das suas mãos, e suas obras a louvem às portas da cidade.

O autor bíblico faz várias referências a outras passagens do mesmo livro. Por exemplo, no início da leitura lemos: o «valor [da mulher virtuosa] é maior que o das pérolas», o que estabelece um paralelismo evidente com outra passagem: «[A sabedoria] é mais valiosa do que as pérolas e não existe outro objecto precioso que se iguale a ela» (Pr 3, 15), e, mais à frente, é-nos dito: «a mulher que teme o Senhor é que será louvada», ecoando o provérbio «O princípio da sabedoria é o temor do Senhor» (Pr 9, 10). Retomamos o tema da primeira leitura da semana passada: a sabedoria, que está sempre ligada ao temor de

Deus. Mas, enquanto nas leituras do Domingo passado a sabedoria e o temor de Deus se reflectiam numa vigilância aparentemente inactiva, hoje, no Evangelho, Jesus dá-nos a entender que a vigilância tem de ser operante. Assim, a mulher virtuosa, na sua sabedoria, aparece em constante actividade em favor dos outros, apresentando as virtudes da diligência: «Procura obter lã e linho e põe mãos ao trabalho alegremente», e da generosidade: «Abre as mãos ao pobre e estende os braços ao indigente.»

Para encarnar a sabedoria, o autor bíblico não escolhe uma figura de prestígio, como um rei, um profeta ou um sacerdote, mas uma mãe de família. Talvez o tenha feito porque todos temos bem presente no nosso imaginário aquilo que deve ser uma mãe de família. De facto, é tantas vezes na figura da mãe que mais facilmente reconhecemos um amor que só se satisfaz com uma entrega total e incondicional: o de quem, sem se preocupar consigo mesma, se dá inteiramente aos outros, tal como a mulher virtuosa da leitura.

A santa diligência:

A ligação entre estas duas leituras é, portanto, a virtude da diligência como reflexo do temor de Deus. Os servos bons, como a mulher virtuosa, trabalham incansavelmente para cumprir a missão que lhes foi dada. Mas a primeira leitura torna evidente um aspecto que o Evangelho não desenvolve plenamente: a diligência é virtuosa porque é feita em favor dos outros, por amor. Isto mesmo está inscrito na própria palavra «diligência», que vem do latim *diligere*, que quer dizer estimar ou amar. É um amor posto em obra. Também São Tomás de Aquino opõe o pecado capital da acédia, que, como vimos, caracteriza o servo mau, à virtude teologal da caridade: para o Doutor Angélico, a acédia «contraria a caridade quanto ao amor a Deus» (4), porque é tristeza perante o bem divino. Ora, se a acédia é tristeza, a caridade conduz à alegria. Onde o preguiçoso vê no bem que tem de fazer um peso, quem ama vê nele uma ocasião de servir. Por isso trabalha com alegria, como a mulher virtuosa, que «põe mãos ao trabalho alegremente».

Os talentos que recebemos não são apenas qualidades extraordinárias: são também as tarefas comuns de cada dia, o estudo, a profissão, o cuidado da família, o serviço ao próximo. Foi nelas que os servos bons e a mulher virtuosa mostraram a sua diligência: eles, negociando com o que lhes fora confiado; ela, entre a lã, o linho e o fuso. E é também aí que somos chamados a viver a vigilância que a Igreja nos pede neste final do ano litúrgico. Como escreveu São Josemaria Escrivá: «(...) a actividade habitual não é um pormenor de pouca importância, mas é o fulcro da nossa santificação, oportunidade contínua de nos encontrarmos com Deus e de louvá-lo e glorificá-lo com o trabalho da nossa inteligência ou das nossas mãos» (5). No juízo final, o Senhor perguntar-nos-á como utilizámos os nossos talentos e como os fizemos frutificar a favor dos nossos irmãos. Oxalá possamos então responder com os servos bons: Senhor, confiaste-me estes talentos: aqui estão estes outros que, por tua graça, eu ganhei.

(1) São Tomás de Aquino, *Catena Aurea in Matthaeum*, cap. 25, vv. 14-30, citando São Gregório Magno, *Homiliae in Evangelia*, Hom. 9 e Orígenes.

(2) *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2094.

(3) São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 35, a. 1.

(4) São Tomás de Aquino, *Quaestiones disputatae de malo*, q. 11, a. 3.

(5) São Josemaria Escrivá Balaguer, *Amigos de Deus*, par. 81.

Texto baseado em «*Mass Readings Explained – Year A – 33rd Sunday Ordinary Time*» de Brant Pitre e em «33rd Sunday in Ordinary Time» em *The Word of the Lord – Reflections on the Sundays Mass Readings for Year A* de John Bergsma.